

# Cuidado, maternidade e temporalidade: repensando os valores contemporâneos da eficiência

*Care, maternity and temporality: rethinking the contemporary values of efficiency*

---

Junia de Vilhena

Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt

Joana de Vilhena Novaes

Maria Helena Zamora

**Resumo:** Este artigo busca refletir sobre o quanto a atenção e a preocupação com o bem estar físico e emocional do bebê transformaram o “cuidado” em fonte de angústia, frustração e invasão ao espaço delicadamente estabelecido na relação mãe-filho. Tal fato, muitas vezes, dificulta o desenvolvimento emocionalmente saudável e a capacidade do sujeito para lidar, de forma criativa, com os desafios da vida. Tendo por base a premissa de que a influência da concepção contemporânea do tempo gera tal urgência no “fazer”, e que, muitas vezes, o “tempo de ser” se perde, buscamos mostrar como a crescente colonização da esfera familiar pelas chamadas “experts” transforma a parentalidade em uma tarefa marcada pela insegurança, pela angústia e pela dívida.

**Palavras-chaves:** Relação mãe-filho, tempo, eficiência, saúde.

**Abstract:** *This paper intends to ponder how attention and concern for the physical and emotional well being of the baby have turned “care” into a source of anxiety, frustration and invasion of the space that is gently established in the mother-child relationship. This fact often hinders the subject’s healthy emotional development as well as his ability to deal creatively with the challenges of life. Assuming that the influence of the contemporary conception of time generates an urgency to “act”, we intend to show how the increasing colonization of the family spheres by “experts” transforms parenting into an experience highlighted by insecurity, anxiety and debt.*

**Keywords:** *Mother-child relationship, time, efficiency, health.*

---

Nota do Editor: Devido a este artigo contar com a participação de quatro autores e o espaço no rodapé não ser suficiente, os créditos relativos àqueles estão inseridos no final.

As coisas obedecem ao sopro vital. Nasce-se para fruir.  
E fruir já é nascer...  
De repente as coisas não precisam fazer sentido.  
Satisfaço-me em ser.  
(Clarice Lispector)

## I. Introdução

A ideia deste artigo surgiu a partir de uma conversa entreouvada em um fim de semana – uma jovem mãe de 40 anos, aproximadamente, falava das atividades que seu filho vinha desenvolvendo em um local “muito estimulante” – ele tinha aulas de música, de natação, de interação com as mães ou babás e mais outras tarefas.

Bastante surpresa, uma das autoras perguntou qual era a idade da criança, pois lhe parecia muito recente o parto: “Cinco meses”, foi a resposta orgulhosa. Curiosa, a amiga indagou qual teria sido a motivação da mãe para colocar o bebê neste espaço de aprendizagem, que não era uma creche. Sabia que não se tratava da impossibilidade de ter alguém que ajudasse no cuidado com o bebê nem de indisponibilidade financeira ou emocional da mãe – uma executiva de médio porte, muito afetuosa e feliz com seu bebê e sem nenhum problema aparente de vinculações mais profundas.

Ainda que a pergunta tivesse causado certo estranhamento, a resposta, alegre e espontânea, foi que era ótimo para o bebê, que ele mesmo estava es-pertíssimo e adorava todas as atividades.

Com muita delicadeza, mas com a curiosidade aguçadíssima, perguntou: mas para quê? Qual o objetivo de tantas atividades já desde tão cedo? Por que o bebê não poderia ficar no cantinho dele com suas distrações, no *playground*, pegando sol, etc..., ou seja: coisas de mãe “das antigas”.

Nossa jovem mãe mostrou o folheto que explicava bem as atividades que, aliás, não eram “aulas”. Ali estava escrito, em apresentação atraente:

“As aulas de musicalização e movimento trabalham o primeiro contato dos bebês com o universo musical e corporal, através de atividades lúdicas, em que os bebês participam de formas ativa e passiva durante as aulas.

A aula sempre é apresentada com música ao vivo (violão) e os bebês são acompanhados pela mãe ou algum responsável que irá interagir e estimular o bebê.

O que é abordado na aula e de que forma:

- \*Recreação (brincando com instrumentos de brinquedo estimulando o prazer da música de uma forma natural e agradável)
  - \*Interação com a mãe (a mãe, pai, babá ou o responsável pelo bebê participa da aula junto com o mesmo proporcionando auxílio, segurança e estimulação)
  - \*Socialização (com brincadeiras musicais que estimulam a troca de instrumentos de brinquedo entre os bebês)
  - \*Educação (guardar os brinquedos após usar, cumprimentar dando bom dia, estimular a dar o *tchau*, etc.)
  - \*Inclusão (canções onde o nome do bebê é incluído na letra da música)
  - \*Percepção e estimulação musical (trabalhando ritmo através das palmas, percepção musical com diferentes interpretações e estilos musicais variados, conhecimento de diferentes instrumentos e suas sonoridades, estimulação visual com fantoches, etc.)
  - \*Relaxamento (com música ao vivo, exercícios de relaxamento em movimento com bola)
  - \*Psicomotricidade (dança, atividades com bambolê, trezinhos de pano, coreografia, roda, ciranda, etc.)
- Mínimo: 5 bebês e máximo 13 (não aceitamos grupos com mais de 13 bebês).
- Tempo de duração de aula: 45 minutos (tempo adequado para crianças desta faixa etária).”

Foi a partir deste pequeno exemplo do cotidiano que as ideias não pararam de chegar. Se já estamos acostumados a ouvir que as crianças viraram jovens executivos, como falaremos mais adiante, a ideia de que os bebês também já tivessem uma agenda tão programada nos remeteu a três polos de pensamento aparentemente distantes, mas bastante interligados:

1. O quanto as relações familiares estão sendo substituídas e terceirizadas através da intervenção de profissionais das mais diferentes áreas, tais como médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, recreadores e professores?
2. A psicologização e medicalização das diferentes fases da vida estão levando à crença de que todas as etapas da vida devem ser submetidas a estimulações, treinamentos, prescrições e regras para o bem-viver.
3. A angústia gerada por esta maratona da saúde (física ou psíquica) gera no sujeito (no caso, as mães, mas podem ser outros familiares) a constante sensação de não estar desempenhando adequadamente seus papéis, nem proporcionando tudo aquilo que seus filhos merecem.

Ou seja, o que refletimos aqui é sobre o quanto a atenção e a preocupação com o bem-estar físico e emocional do bebê transformou o “cuidado” em uma fonte de angústia, frustração e, diríamos nós, de invasão ao espaço tão delicadamente estabelecido na relação mãe-filho. Ou seja, há tal urgência no “fazer” que, muitas vezes, o “tempo de ser” se perde. Buscamos, então, mostrar como a crescente colonização da esfera familiar pelas chamadas *expertises* transforma a parentalidade em uma tarefa basicamente da ordem da ação, da falta e da dívida. Resumidamente, o “cuidado” transformou-se em cuidado!!!

## II. A delicada tarefa de prover sólidas bases

Em um trabalho intitulado *Provisão para a criança na saúde e na crise*, Winnicott (1990/1962) ressalta que o desenvolvimento emocional da criança é a base para o futuro estabelecimento da boa saúde mental.

Segundo o autor, para que a saúde mental e o desenvolvimento psicossomático do indivíduo sejam preservados, a provisão ambiental, durante a infância, deve garantir que o universo da criança seja repleto de recursos diversos: afetivos, físicos, lúdicos e cognitivos. Winnicott parte da premissa de que a tendência à integração da personalidade, bem como à independência, está condicionada aos cuidados presentes na provisão ambiental oferecida; qualidade esta que, segundo o autor, deveria ser suficientemente boa para garantir que as forças no sentido da vida prevaleçam.

Ancorado na ideia de um gesto simples e prosaico, cuja base é o acolhimento e a sustentação da criança, Winnicott (1978/1945) formulou um dos conceitos centrais da sua teoria acerca da vida emocional dos bebês: o *holding*.

Uma vez familiarizado com obra Winnicottiana, não fica difícil que o leitor note a tendência daquele autor em desconstruir a base dicotômica do pensamento moderno, na qual, natureza e cultura mantêm-se apartadas. Por esta mesma razão, seu pensamento foi bem sucedido na integração de fatores constitucionais e ambientais.

Na contramão da ciência moderna, em seu intuito de subordinar à Natureza às necessidades humanas, os estudos winnicottianos reforçarão essa integração. Sobre essa temática, o psicanalista escreveu um importante livro intitulado *A natureza humana* (1990).

Vale dizer que o uso constante, ao longo de toda a sua obra, do advérbio “suficientemente”, não foi empregado aleatoriamente. Com essa escolha vocabular, o autor buscou traduzir uma dimensão bastante complexa dos cuidados que viabilizariam o desenvolvimento saudável da vida psíquica e emocional do

sujeito. Dessa forma, o mesmo não estaria reduzido aos critérios normativos ou pedagógicos prescritos pela literatura vigente da sua época. Bem distante, portanto, de estar referido aos ambientes ideais e eficientes, modelados de acordo com os best-sellers consumidos naquele contexto e, sobretudo, comprometidos com um modelo de indivíduo ideal, preconizado pela época, o conceito winnicottiano de “suficientemente bom”, foi então interpretado como sinônimo de ineficiência.

O ambiente, sinalizado por Winnicott como gerador de saúde, certamente, não se enquadrava no discurso dominante, empenhado em oferecer uma tecnologia eficiente para a criação de uma criança saudável. Como resultante do consumo de uma ideologia que apregoa a perfeição como ideal, observou-se alguns efeitos no âmbito da vida privada e familiar. Sobre isso nos fala Jurandir Freire Costa: “Os pais, expropriados do direito de educarem moralmente seus filhos, são induzidos a consumirem bens e serviços dirigidos a si próprios, sob a orientação dos tecnoburocratas da sociedade do bem estar” (COSTA, 1984, p. 143). Educação e ética: de bem com, à bem de consumo. Embora o tema seja instigante, fiquemos por aqui.

Trata-se, pois, de identificar a crença de uma causalidade educativa no âmbito da saúde mental, o que, por sua vez, leva-nos, conseqüentemente, a certos modelos de normalidade social e tipos psicológicos ideais, conforme destacou Costa (*op. cit.*).

Partindo da premissa que a identidade étnica e a experiência cultural de cada indivíduo é ativada através do processo de socialização e que esse, por sua vez, é definido por sua capacidade de formatar traços de conduta e estimular determinadas aspirações e desejos nos membros de uma determinada sociedade; isso, portanto, definiria o fenômeno descrito como coletivo e psicossocial, ao invés de psicopatológico!

E ainda, a ideia de que seria possível a criação de ambientes ideais como instrumentos capazes de replicar sujeitos perfeitos, parece-nos avessa ao pensamento winnicottiano, criador de conceitos como o de verdadeiro e falso-*self*, gesto espontâneo e criatividade primária.

Compreendemos que, para Winnicott, a “mãe devotada comum” (1978/1956), juntamente com o pai do bebê, é capaz de criar o ambiente suficientemente bom, não se reduzindo, tão somente, ao biológico ou ao psicológico, e, tampouco, às representações sociais do materno/feminino. Tampouco se refere à falha do objeto primário maternante, enquanto falta estruturante, constitutiva do sujeito: a mãe suficientemente boa, preconizada por Winnicott, não é insuficiente!

A “mãe suficientemente boa”, tampouco é excessiva, antecipatória, intrusiva ou uma imagem ideal. A palavra “suficiente” foi empregada para designar “o bastante”; ou seja, apenas o que lhe parecia hábil e adequado aos cuidados necessitados pelo infante, em cada ocasião.

No caso da “mãe devotada comum”, esta parece ser uma conjugação das várias categorias mencionadas anteriormente. Winnicott reconhecia uma qualidade especial no cuidado materno, que pode ser significado como veneração, fascinação e dedicação afetiva especial pelo seu bebê. Um cuidar que remeteria aos primórdios da existência da própria mãe como filha, resultante das experiências narcísicas que foram introjetadas junto com o seu desejo de tornar-se mãe. Desejo este que corresponde às elaborações identificatórias de sua passagem pelo Édipo.

Trabalhando, fazendo compras, cuidando da casa, estudando, namorando ou desempenhando qualquer outra sorte de atividade banal e cotidiana, pode ser que tenha variações de humor, sonhe, brinque, chore, ame e odeie, mas que ao empenhar-se, por ocasião do nascimento do seu filho, mantendo-se desejoosa, dedicada e carinhosa na tarefa de cuidar do seu bebê, garanta-lhe um sentimento de continuidade de ser. A ela, Winnicott agradece:

Não é possível que essa contribuição da mãe devotada deixe de ser reconhecida justamente porque é imensa? Se essa contribuição é aceita, segue-se que todos os indivíduos são (e, paradoxalmente, somos realmente pobres se somos apenas são), qualquer pessoa que se sente uma pessoa no mundo e para quem o mundo significa alguma coisa, qualquer pessoa feliz, está em débito infinito com uma mulher (1996:10).

Por tudo isso, parafraseando Freire Costa, seja qual for o contexto cultural, “a mãe devotada comum é o sujeito do *dia a dia* da cultura” (2000, grifos nossos).

### III. Tempo do sonhar... tempo de criar... tempo de ser

Refletindo sobre o devaneio do adulto, momento privilegiado de contato com o tempo vivido, Bachelard (2000) dedicou um extenso estudo à importância das experiências infantis de “solidão” onde se cria a capacidade de sonhar. É relevante, porém, destacar que esta capacidade só se constrói quando houve uma experiência precoce de “presença do outro”, capaz de autorizar a criança a ficar só, porém acompanhada pela memória dessa presença (WINNICOTT, 1975).

A criativa reflexão winnicottiana possibilitou a emergência de conceitos originais, onde se destaca a ênfase na dimensão da *vida*, pensada como algo que se dá na interação contínua entre o fluxo natural próprio do indivíduo e o seu ambiente, de modo a impulsionar o processo de integração do *self*. A observação das relações precoces entre o bebê humano e sua mãe “suficientemente boa” (WINNICOTT (1951/1975) levou Winnicott a perceber que, em condições de cuidado e respeito pelo ritmo próprio do bebê, os elementos sensorio-motores de sua experiência vão progressivamente adquirindo contornos existenciais, de modo a possibilitar finalmente a configuração psicológica de um *self*, estabelecida sobre a experiência de continuidade e “realidade” do ser.

Em função disto, Winnicott em diversos momentos de sua obra chama atenção para a extrema importância de se respeitar o estado de “repouso” do bebê, deixando-o livre de experimentar e elaborar suas percepções e sensações sem ser invadido nem perturbado pelo mundo externo. Este conceito descreve uma condição essencial para a construção de um espaço subjetivo estabelecido sobre a experiência de continuidade e “realidade” do ser, onde se alojará mais tarde o sentimento de uma existência pessoal “digna de ser vivida”, cujo sentido se fundamenta na memória sensorial e afetiva, na narratividade e na abertura criativa para novas experiências.

Com a formulação teórica do tema dos estados tranquilos do bebê, Winnicott inaugura um fértil campo de reflexão que se estende a toda a natureza humana. Dias (2003) destaca a relevância da contribuição do autor, que é valiosa por focalizar:

A saudável necessidade humana de abandonar momentaneamente o mundo, recolher-se em solidão, permanecer em quietude no mundo subjetivo, proteger-se das pragmaticidades objetivas, no espaço potencial da cultura e da arte (2003:190).

A teoria winnicottiana deste modo descreve a experiência vivida pelo *self* como um processo em que, se o bebê tiver no início da vida a sorte de encontrar um ambiente favorável, capaz de suprir as suas necessidades básicas, ele construirá para si mesmo um lugar de existência potencial, onde o mundo interno e o mundo externo serão entretecidos na textura da imaginação, de modo que a vida íntima se enriquecerá com o que for percebido na realidade externa. Os elementos sensoriais e motores de sua experiência vão progressivamente e naturalmente adquirindo contornos existenciais até atingir o ponto em que se possa falar de um *self*, resultado de um processo de “perso-

nalização” que inclui a integração psique-soma. Em outras palavras, somente depois que um estado de não-integração primária der lugar à integração, à personalização e à localização do eu no corpo, se poderá postular a existência de um *self*.

Quando começam a se delinear as origens da subjetividade, o bebê vivencia dois estados que se sucedem, alternando-se em ciclos de excitação e tranquilidade: estes estados, assim como a passagem de um para o outro, são algo com que o indivíduo irá lidar ao longo de toda a sua vida. Winnicott ([1958] 1975) afirma que o modo como esta alternância se dará no futuro é determinado em grande parte pelas características da relação mãe-bebê. Os estados tranquilos, os estados de repouso, são oportunidades para que bebê possa entregar-se a uma espécie de “contemplação”, elaborando imaginativamente os estados fisiológicos do próprio corpo, como a digestão, ou também estímulos externos como os sons, a luminosidade, os odores, os movimentos do ambiente (WINNICOTT 1971/1975). Se for segurado no colo pela mãe, pode olhar para ela e se comunicar, ou simplesmente recolher-se ou dormir. O importante é a mãe permanecer em seu lugar, sustentando com sua presença a situação no tempo, num manejo que confirme para o bebê que o mundo se mantém presente e vivo sempre que *ele quiser entrar em relação*.

Christopher Bollas (1992) parte da premissa estabelecida por Winnicott e propõe o conceito de *objeto transformacional* para descrever os momentos, caracterizados pela “tranquilidade”, em que a mãe transmite ao infante em repouso uma estética do ser que se torna uma característica do seu *self*. A experiência de mutualidade através do olhar ou de outras trocas entre corpos vivos, é uma “necessidade urgente”, que, porém, só deve acontecer na medida da solicitação do bebê.

É a repetição regular desta experiência que vai criar no bebê a possibilidade de confiar no mundo e em si mesmo. Como afirma Winnicott: “O acúmulo dessas experiências torna-se um padrão e forma a base para as expectativas do bebê. Ele passa a acreditar na confiabilidade dos processos internos que levam à integração em uma unidade” ([1958], 1975:86).

O repouso se relaciona com os processos de espontaneidade e criação próprios do SER, enquanto os estados de excitação se relacionam com o início do estabelecimento do contato com a realidade (mamar, agarrar objetos), estando ligados à reatividade, portanto à ação, ao FAZER. No futuro sujeito bem integrado, os estados se complementarão e se enriquecerão mutuamente, constituindo os aspectos da sensibilidade criativa e os aspectos da ação sobre o real.



O isolamento no qual o bebê se retira para descanso é um lugar natural de quietude ao qual ele pode se entregar na medida em que se sentir seguro para relaxar. É essa a matriz da capacidade da criança e do adulto de retirar-se momentaneamente do mundo para descansar e ficar só. Além disso, é apenas a partir do estado de repouso que qualquer conteúdo interno (como um impulso, uma sensação) pode ser sentido como real e tornar-se uma experiência autenticamente pessoal. Se isso não ocorre, instaura-se uma forma de vida falsa, artificial, apenas reativa aos estímulos externos, como nos casos em que uma mãe ansiosa precisa, o tempo todo, estimular o bebê para se certificar de que ele está vivo, e ele, forçado, reage se movimentando. Por outro lado, quando é dada à criança a possibilidade de descobrir sua própria vida pessoal, ela se torna capaz de “devanear, de estar num estado em que não há orientação, de existir por um momento sem ser *nem alguém que reage às contingências externas, nem uma pessoa ativa com uma direção de interesse ou de movimento*” (WINNICOTT, [1958g] 1990: 36, grifos nossos).

Se os estados tranquilos não adquirirem este valor positivo, mantendo-se apenas como o negativo dos estados de excitação, poderá se desenvolver uma grande ansiedade com relação à tranquilidade, gerando ao longo do tempo a evitação da quietude ou mesmo dos intervalos onde possa haver inexistência de tensão ou excitação.

A esta forma de estar no mundo se opõe a possibilidade, ainda que por momentos, que se possa viver de outra forma: a experiência de silêncio e tranquilidade, reveladora de uma capacidade de cultivar o diálogo interno. Mas isto é hoje um privilégio próprio de uma densidade interior que muitos simplesmente desconhecem, estando permanentemente voltados para fora, incapazes de suportar os seus próprios pensamentos, temendo encontrar na solidão amadurecida e na tranquilidade apenas o tédio, a tristeza ou o desespero. Um modo de ser que constatamos, na observação de diversos fenômenos da vida cotidiana, estar sendo transmitido pelos adultos às novas gerações, em momentos cada vez mais precoces da vida das crianças.

Falar da cultura que rege os tempos atuais é falar de um vazio de certezas inabaláveis, de garantias prometidas, de valores precisos ou de ideais e ideologias que outrora garantiam minimamente um continente ético para a realização das moções pulsionais, negociando perdas e ganhos para o sujeito. Não obstante, tais negociações, frequentemente, se apresentavam condenadas ao fracasso, como bem denunciaram as neuroses modernas (FREUD, 1908).

Em recente entrevista ao jornalista José Castello (2013) no *Jornal Valor Econômico*, o poeta e filósofo Antonio Cícero lamenta como nossa vida cotidiana tornou-se quase inteiramente regida por princípios utilitários, pragmáticos, instrumentais: “Ao invés de economizarem nosso tempo, as novas tecnologias o consomem”. Resta-nos pouco tempo para meditar e contemplar. Para viver. Nosso mundo é veloz, obcecado por índices e resultados, quer as coisas sempre “para ontem”. Tem como ideal, portanto, devorar o tempo, não usufruí-lo. A tecnologia do século XXI devora o tempo. Devora o próprio século XXI. Para o autor, resta-nos pouco tempo para meditar e contemplar. Para a poesia. Para viver: Ninguém pode ler poesia, Cícero lembra, como quem lê um e-mail ou uma bula. A poesia não se lê apressadamente, mas, ao contrário, exige lentidão e entrega, paciência e concentração, devaneio e tempo. A poesia exige de seu leitor uma entrega absoluta. Para ler poesia, o leitor deve entregar-se incondicionalmente, por um tempo determinado, aos caprichos semânticos, sintáticos, sonoros do poema. Mais uma vez: a leitura da poesia exige tempo. Dizendo de outra forma: a matéria da poesia é o próprio tempo (p. 28).

Para a maioria das pessoas, segundo Cícero, a poesia guarda um aspecto anacrônico. Porque extemporâneo, intempestivo, inoportuno. A poesia parece estar “fora do tempo” quando, ao contrário, ela é, por excelência, o lugar do tempo.

Contudo, na atualidade, confrontamo-nos com um contexto no qual o “mal-estar na civilização” (FREUD, 1930) encontrou a sua maior expressão. Se por um lado, os mal-estares da modernidade eram creditados à segurança individual, conseguida através do submetimento da economia pulsional à ordem, à pureza e ao equilíbrio. Por outro, nos dias atuais, a intolerância a qualquer tipo de desprazer, não suporta renúncias ou sacrifícios. A operação psíquica dos novos tempos parece usar a segurança individual como moeda de troca para um gozo ilimitado. Sobre isso Bauman escreveu com precisão: “se os obscuros e monótonos dias assombraram os que procuravam a segurança, noites insones são a desgraça dos livres” (1998, p. 10). Noites insones, sem dúvida, e para além de qualquer satisfação meramente possível, assombradas pela agressividade transmutada em atos de violência e destrutividade, pela ansiedade das tarefas do amanhã e pelo medo do porvir.

#### **IV. Por que tanto fazer?**

Nas condições da vida de hoje, predomina a ânsia de produzir, gerar lucro, consumir. Viver hoje, especialmente nos centros urbanos, é um processo que re-

quer rapidez, facilidade e velocidade para adaptação às mudanças, capacidade para lidar com estímulos dos mais variados, ocupação do tempo com um número cada vez maior de atividades voltadas não apenas para a eficiência, mas também para preencher um temido sentimento de vazio (DEBORD, 1997; LIPOVETSKY, 1999; BAUMAN, 2005), o que muitas vezes leva a um tipo de ação que é um simples “fazer”, executado sem simbolização, a ação pela ação, o ato pelo ato, que carece de significação. A existência fica, assim, subordinada à função e à imagem.

As expectativas em relação ao crescimento da criança, da qual muito se espera um futuro brilhante, muitas vezes tem se resumido à prescrição de condutas corretivas sobre o comportamento da criança. Isso, não raro, se traduz como maior submissão às necessidades e fantasias dos adultos. A expectativa do *rendimento máximo*, elege determinados atributos, como inteligência e sociabilidade para garantir ou aprimorar uma *performance* ideal, uma (super) competência: “Tanto crianças quanto adultos, então, devem “superar seus limites”, “ser o melhor dos melhores”, “brilhar em tudo o que faz”, respondendo de maneira eficaz à demanda dos *superlativos*, reinante em todas as classes e universos da sociedade” (CORRÊA, 2010).

Não seriam exageradas tais expectativas sobre a produtividade da criança? Quais são, para que e para quem servem os valores que pautam o alto rendimento e a conduta com aqueles que não correspondem a esta expectativa? Basta pensar no percurso mortificante – e às vezes trágico – das crianças que, ao não fornecerem a resposta “adequada” e tão esperada, são patologizadas e até rotuladas como doentes.

Acreditamos que a verdadeira cri-ação só pode ser entendida como o equilíbrio entre o ato de conservar com o de renovar. Afinal, o que possibilita a formação e a capacidade de criar é a construção de zonas de descanso para a reflexão que ajudem a alargar a visão e abranger aquilo que é excluído do ritmo alucinante do chamado progresso. Nas palavras de Safranski, (*apud* DUPPAS, 2006.), “o que se dirige depressa demais a qualquer lugar não está em nenhum lugar” (2006: 33).

## **V. A colonização da família ou a difícil tarefa da parentalidade**

A clínica com crianças e adolescentes, o contato com diferentes escolas, bem como a escuta de pais em nossos consultórios e em espaços sociais vem apontando a frequente angústia com as infinitas possibilidades de que os filhos não estejam tendo o melhor dos cuidados necessários ou que estejam desenvolvendo patologias tanto na área da cognição como emocional. Nunca se falou tanto em Transtornos de Deficit de Atenção (TODA), em Hiperatividade

(TDAH) em Transtorno Desafiador Opositivo (TDO) e muitos outros novos “transtornos” ou “síndromes”.

Simple comportamentos transformaram-se em patologias passíveis de serem medicalizadas ou tratadas. Como aponta o cientista social Gilberto Dupas (2006), em seu livro *O mito do progresso*, “tudo virou doença”-, denunciando o fato de que determinadas características pessoais, que durante séculos foram classificadas como questões existenciais, agora recebem rótulos médicos e tratamento. “É o caso da boa e velha timidez, agora diagnosticada como fobia social” (p. 33).

O uso de drogas para tratar distúrbios de hiperatividade por déficit de atenção também passou a ser trivial, inclusive no Brasil. Dupas critica a falta de preocupação sistemática para identificar as razões que levavam essas pessoas à desatenção. “As drogas usadas nesse tipo de tratamento são estimulantes desestabilizadores do humor e podem deixar as pessoas emocionalmente instáveis” (p. 57), advertiu. Segundo ele, o uso crescente do termo *wellness* (bem-estar total) também sugere que nunca se está totalmente são, mas potencialmente doente.

A partir do momento em que cada tristeza é convertida em distúrbio, ganha prestígio e função social aquele que se apresenta como curandeiro capaz de restabelecer o *status quo*, ou a situação anterior à desarmonia. Isto é bem visível na Psiquiatria, especialidade que registra um aumento tão expressivo das doenças que não mais se atribuem nomes a elas, apenas códigos, em uma combinação de números e letras.

Certamente este não é um problema local e, neste momento, é importante atentar para a frequente culpabilização dos pais naquilo que diz respeito à ordem social. Segundo o sociólogo Frank Furedi (2008), da Universidade de Kent, cada vez mais observamos a responsabilização dos pais pelo baixo rendimento escolar, baixa auto-estima, drogas, obesidade, delinquência e problemas mentais. Em um livro interessantíssimo, intitulado *Paranoid parenting: why ignoring the experts may be best for your child*, o autor exemplifica, na fala do Secretário de Saúde Pública inglês, David Rogers, o paradigma da interferência e culpabilização parental: “pais que permitem que seus filhos comam demais podem ser tão culpados de negligência como aqueles que não alimentam seus filhos em tudo” (p. 111). Ou seja, crianças com excesso de peso devem estar sujeitas às medidas de proteção.

Para o autor, não é sem razão que programas como “Super Nanny” fazem tanto sucesso. Contudo, ainda seguindo seu raciocínio, é preciso estar atento

para este excessivo monitoramento das funções parentais (termo nosso), inclusive pelas autoridades de governo:

A rotulagem constante de parentalidade como uma espécie de ‘problema’ mina a confiança dos pais e mães [...] as inúmeras iniciativas úteis projetadas para oferecer suporte aos pais de nada adiantam para nos tranquilizar- elas simplesmente incentivam o público a se tornar ainda mais paranóico sobre parentalidade. [...] A politização da educação dos filhos tem intensificado o nosso senso de insegurança e ansiedade sobre praticamente todos os aspectos da vida das crianças e suas experiências (2008: 93, tradução nossa).

Cada vez mais, formas cotidianas de interação social são retratadas como sendo difíceis e complicadas. Frequentemente, ouvimos falar sobre as competências parentais, habilidades sociais, habilidades de comunicação e habilidades de relacionamento... A ideia de que encontros cotidianos requerem habilidades especiais criou uma oportunidade para o “especialista” colonizar o reino das relações pessoais.

Na cultura contemporânea, a parentalidade exorta os pais a educar os filhos de acordo com as “melhores práticas”. Em praticamente todas as áreas da vida social de hoje, especialistas defendem a importância de se procurar ajuda. Uma das principais características dos tempos modernos tem sido o declínio da crença na habilidade de fazer as coisas (que podemos chamar de tradição), incentivando a percepção de que os indivíduos não são capazes de gerir os aspectos importantes de suas vidas sem orientação profissional. Segundo Furedi (2008), os pais são inundados por múltiplas mensagens que afirmam sua incompetência, posto que sua autoridade se assenta em pressupostos ultrapassados acerca do que é necessário para educar. Portanto, estar atento aos conselhos - e, mais importante, seguir o roteiro de autoria de especialistas - é visto como prova de ‘paternidade responsável’.

Vamos mais além. Todos os afetos parecem subjugados à lógica econômica de “produtividade”. Por isso, acreditamos que o processo que engendra o tornar-se produtivo deva implicar, também, o questionamento à lógica econômica que preside nossos valores, subvertendo regras que nos empurram para um trabalho ausente de propósitos sociais comuns (VILHENA, 2009).

Em face deste cenário não é impossível imaginar as difíceis escolhas que se antepõem para uma jovem mãe.

## VI. Concluindo...

O conceito de infância é construído, como sabemos, tendo a criança lugares e papéis que variam bastante, de acordo com a organização social e com o tempo histórico em que ela vive. Conceitos como o de seu lugar político, de sua maior ou menor dependência do adulto, de sua “humanidade”, do fato dela ser ou não considerada diferente dos adultos são produções históricas. Nem sempre a infância exigiu cuidado, proteção e afetividade, e, no decorrer da história, as crianças e os adolescentes foram violentadas, inclusive, com o impedir e com o apressar de seu amadurecimento e de sua possibilidade de se ter autonomia.

Para Kramer (2000) a infância é uma das invenções mais humanitárias da modernidade. Dialogando com autores que denunciam o desaparecimento da infância – causado pela violência de todo tipo e pela invasão abusiva das mídias, promovendo o acesso das crianças à informação adulta (POSTMAN, 1999), pois, paradoxalmente, embora a infância seja invocada incessantemente, parece ter havido um retrocesso, uma volta ao que ocorria no passado, quando a criança era tida como um adulto em miniatura, conforme mostrou Ariès (1981), em seu já clássico estudo *História social da criança e da família*.

Kramer (*op. cit.*), pergunta se realmente se trata do término da infância. Ou seria da própria dimensão humana do homem? É a ideia de infância que está ameaçada ou a crise é a do homem contemporâneo e de suas ideias em geral? – indaga.

A concepção do tempo voltado para os compromissos objetivos, vivenciada hoje desde a infância, empobrece as oportunidades de valorizar o *viver*, outra forma de experiência da temporalidade, de fundamental relevância para a construção de subjetividades marcadas pela capacidade de buscar sentido para a própria existência.

O conceito de “viver criativo” implica a possibilidade de ter experiências provenientes do âmago do ser psicossomático, onde existe entrega e fruição do prazer, intensidade, onde o tempo e o corpo estão em sinergia com o ambiente através do sentir e da afetividade. Ou seja, o indivíduo saudável winnicottiano é aquele capaz de realizar o potencial do seu ser através de ações onde seu corpo (soma), em conjunto com a psique (emoções, afetos) e a mente (intelecto) que compõem, assim, uma só unidade.

Deste modo, há que se respeitar o tempo próprio e singular de cada criança na apropriação do mundo e poder também aprender com ela. É um tempo

que não pode ser apressado nem imposto, e que vai na contramão da ideologia da eficiência, em que a tranquilidade se assemelha à morte.

**Junia de Vilhena\***  
vilhena@puc-rio.br

**Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt\*\***  
mines@puc-rio.br

**Joana de Vilhena Novaes\*\*\***  
joanavilhena@gmail.com

**Maria Helena Zamora\*\*\*\***  
zamoramh@gmail.com

### **Tramitação:**

Recebido em 07/04/2013

Aprovado em 11/05/2013

### **Notas**

\* Psicanalista, membro efetivo/CPRJ, doutora em Psicologia Clínica/PUC-Rio, profa. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica/PUC-Rio, coordenadora/Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social (LIPIS)-PUC-Rio, pesquisadora/Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, pesquisadora correspondente/*Centre de Recherches Psychanalyse et Médecine* (CRPM-Pandora)-Université Denis-Diderot, Paris 7, investigadora-colaboradora/Instituto de Psicologia Cognitiva-Universidade de Coimbra.

\*\* Psicanalista, doutora em Psicologia Clínica/PUC-Rio, profa. do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica/PUC-Rio, pesquisadora/Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social (LIPIS)-PUC-Rio.

\*\*\* Psicóloga, doutora em Psicologia Clínica/PUC-Rio, pós-doutora em Psicologia Médica/UERJ, pós-doutora em Psicologia Social/UERJ, pós-doutora em Psicologia Médica/UERJ, profa. Programa de Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade/Universidade Veiga de Almeida, coordenadora Núcleo de Doenças da Beleza-PUC-Rio. Pesquisadora e psicoterapeuta/Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social (LIPIS)-PUC-Rio, pesquisadora correspondente/*Centre de Recherches Psychanalyse et Médecine- Université, CRPM-Pandora-Denis-Diderot, Paris 7.*

\*\*\*\*Psicóloga, doutora em Psicologia Clínica/PUC-Rio, profa. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica/PUC-Rio.

### **Referências**

ARIËS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BACHELARD, G. (2000). *A poética do devaneio*. São Paulo, Martins Fontes, 2000

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BOLLAS, C. *A sombra do objeto*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

- CORREA, A. R. Infância e patologização: crianças sob controle. *Rev. bras. psicodrama*, São Paulo, v. 18, n. 2, 2010. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-53932010000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932010000200006&lng=pt&nrm=iso). acesso em 21 jan. 2013.
- COSTA, J. *Razões públicas, emoções privadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIAS, E O. *Teoria do amadurecimento em Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- DUPPAS, G. *O mito do progresso*. São Paulo: UNESP, 2006.
- FUREDI, F. *Paranoid parenting: why ignoring the experts may be best for your child*. London: Cappella Books, 2008.
- FREUD, S. ([1930] O mal-estar na civilização. *Edição Standard das Obras Completas de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- \_\_\_\_\_. [1908]. Sobre as teorias sexuais das crianças. *Edição Standard das Obras Completas de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- CASTELLO, J. Cícero o poeta do tempo. In: *Jornal Valor Econômico Caderno Eu fim de semana*, n. 636. 18 /01/2013, p. 27-29. 13. 2013.
- KRAMER, S. Infância, cultura contemporânea e a educação contra a barbárie. *Revista Teias*.v. 1, n. 2. 2000. Disponível em [http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path\[\]=41&path\[\]=43](http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path[]=41&path[]=43) Acesso 21 jan. 2013.
- LIPOVETSKY, G. *L'ère du vide*. Paris: Gallimard, 1999.
- LISPECTOR, C. *Um sopro de vida (pulsões)*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 11-17, 1978.
- POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- VILHENA, J. & BITTENCOURT, M.I.G.F. A espinha partida. Considerações acerca da violência no filme Tsotsi –Infância Roubada. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. UERJ .v. 8 (3) p. 612-631. 2008. Disponível em <http://www.revispsi.uerj.br/v8n3/artigos/pdf/v8n3a05.pdf>. Acesso 22 de mar. 2013.
- VILHENA, J. Violência e desenvolvimento: notas sobre uma ecologia psíquica. *Revista Polêmica*. v. 8 (3). UERJ, 2009. Disponível em [http://www.polemica.uerj.br/8%283%29/lipis\\_1.htm](http://www.polemica.uerj.br/8%283%29/lipis_1.htm). Acesso em 27 de mar 2013.
- WINNICOTT, DW. [1962] Bases para o *self* no corpo. In: C. WINNICOTT, D. SHEPHERD, M. DAVIS (orgs). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1990.



- WINNICOTT, D.W. [1915] Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- WINNICOTT, D. W. [1945] *Desenvolvimento emocional primitivo*. In: *Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 269-285, 1978.
- WINNICOTT, D. W. [1962] Provisão para a criança na saúde e na crise. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 62-69. 1990.
- WINNICOTT, D. W. (1956) Preocupação materna primária. In: *Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 491-498. 1978.
- WINNICOTT, D. W (1958) *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- WINNICOTT, DW. (1971 g/ 1975) A criatividade e suas origens. In: D W Winnicott, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. 1975.
- WINNICOTT, D.W. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago. 1990.
- WINNICOTT, D. W. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.